

# TRINTA ANOS DEPOIS: PARA ALÉM DO SÍTIO DE CASTELO VELHO DE FREIXO DE NUMÃO. RECINTOS MURADOS E DEPOSIÇÕES DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE

**Susana Soares Lopes**

FLUP (Professora catedrática aposentada) / CEAACP – UC  
[susanasoaresrodrigueslopes@gmail.com](mailto:susanasoaresrodrigueslopes@gmail.com)

## ABSTRACT

This article describes the study and musealization of a late prehistoric walled enclosure located at the Portuguese Upper Douro: Castelo Velho de Freixo de Numão. From the excavation started in 1989, to the opening of the site in 2007, and the publishing of a global interpretative perspective in 2019, there have been thirty years of numerous archaeological actions. I aim to summarize those actions discussing their nature and diversity.

The main discovery in Castelo Velho was the identification of deposition contexts, assembling disparate materialities under different formal grammars. Such contexts date from the 3<sup>rd</sup> millennium, disappearing during the first half of the 2<sup>nd</sup> millennium BC. Deposition contexts, in association with other features, namely several narrow passages in the enclosure (probably used in successive opening and closing cycles) allowed interpreting the enclosure as a conditioned space hosting ceremonial practices during the 3<sup>rd</sup> millennium BC. Over this period, weren't observed architectural and/or contextual discontinuities, suggesting that the site was occupied in the light of the same social dynamics.

The main architectural elements of the enclosure remained active until the middle of the 2<sup>nd</sup> millennium BC. However, the traces of the occupations during this period are sparse and globally different from those of the 3<sup>rd</sup> millennium BC. Overall, the site was transformed into another place: an enclosed area, accessed only through a passage, connected to the Cogeces cultural world. The 2<sup>nd</sup> millennium BC enclosure was then a place with other social functions, whose cultural uniqueness still eludes us.

Within the several questions to be made in the investigation of Castelo Velho, it should be stand out this one: What may have been the cause(s) of the turning point that took place between the end of the 3<sup>rd</sup> and the beginning of the 2<sup>nd</sup> millennium BC? We shall also ask: Has this change occurred at a regional level, does it mirror a social transformation of the Chalcolithic communities in the Upper Douro region?

**Keywords:** walled enclosure; deposition; fragmentation; ritual; 3<sup>rd</sup>/2<sup>nd</sup> Millenia BC.

## RESUMO

O presente texto descreve o trajecto de estudo e musealização dum recinto do 3.<sup>o</sup> milénio/ primeira metade do 2.<sup>o</sup> milénio AC, localizado no Alto Douro português: Castelo Velho de Freixo de Numão. Desde as primeiras intervenções arqueológicas em 1989, passando pela abertura do lugar ao público em 2007, até à global revisitação interpretativa do sítio em 2019, ocorreram trinta anos de inúmeras acções arqueológicas, cuja natureza e diversidade foram alvo de enunciação neste texto.

A principal descoberta em Castelo Velho diz respeito à identificação de deposições intencionais de materialidades, de múltipla natureza e formalização contextual, deposições essas datáveis do 3.º milénio AC, as quais desapareceram na primeira metade do 2.º milénio AC. Tais deposições, articuladas com outros contextos, nomeadamente diversas passagens estreitas no recinto, passíveis de abertura e fechamento cíclicos, conduziram à hipótese interpretativa do recinto ter funcionado, ao longo do 3.º milénio AC, como um espaço condicionado, albergando acções de carácter cerimonial. Durante este amplo período não foram detectadas descontinuidades arquitectónicas e/ou contextuais, pelo que o recinto de Castelo Velho terá sido edificado nos inícios do 3.º milénio AC e ocupado, segundo o mesmo padrão, até finais do milénio.

Na passagem do 3.º para o 2.º milénio AC e até meados do 2.º milénio AC, embora a planta global do recinto tenha permanecido, os vestígios contextuais detectados eram esparsos, mas globalmente diferentes dos atribuídos, no local, ao 3.º milénio AC. De facto, tais vestígios apontaram para que o recinto do 2.º milénio AC se tenha transformado num outro lugar – um recinto fechado ao qual se acedia apenas através duma passagem – conectado, através da presença de vasos cerâmicos, com a ambiência cultural Cogeces. O recinto do 2.º milénio AC terá certamente correspondido a um lugar com outras funções sociais, cuja singularidade cultural ainda nos escapa.

Das muitas questões suscitadas pelo estudo de Castelo Velho ressalta uma: o que terá estado na origem da viragem operada no lugar entre finais do 3.º e inícios do 2.º milénio AC? Ao que, evidentemente, podemos acrescentar uma outra: tal viragem, para além da observada no lugar, terá ocorrido também a nível regional? Tal ruptura em Castelo Velho espelhará uma transformação de fundo, ao nível do Alto Douro, nas estruturas sociais de comunidades calcolíticas em trânsito para a Idade do Bronze?

**Palavras chave:** recinto murado; deposição; fragmentação; ritual; 3.º/2.º milénio AC.

“O novo não está no que é dito, mas no acontecimento do seu retorno” (Foucault, 1997 [1971]: 21).

## 1. AO ENCONTRO DO SÍTIO DE CASTELO VELHO

Nos finais de 1988 o então Serviço Regional da Zona Centro do IPPC solicitou a minha intervenção de emergência na estação arqueológica de Castelo Velho, situada na freguesia de Freixo de Numão, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Tal estação havia sido objecto duma sondagem recente por parte do então vereador do pelouro do Património da Câmara de Vila Nova de Foz Côa, António Sá Coixão, a qual tinha revelado estruturas e materiais considerados pré-históricos. Após uma visita ao SRAZC em Coimbra, durante a qual pude observar algum material cerâmico proveniente daquela sondagem, e sobretudo depois duma ida ao local de Castelo Velho em Janeiro de 1989, inteirei-me genericamente das características da estação e do seu potencial arqueológico. O interesse do sítio era óbvio. Estávamos perante um possível povoado calcolítico situado já a sul do Douro, mas integrável na mesma ambiência cultural do 3.º milénio AC do Norte de Portugal. De acordo com o SRAZC, António Sá Coixão e a Câmara Municipal de Foz Côa, projectei então realizar durante o mês de Setembro de 1989 uma primeira campanha de escavação, curta e prospectiva.

Em Setembro de 1989 viajei para Freixo de Numão, acompanhada duma pequena equipa, tendo a mesma ficado alojada na Junta de Freguesia da vila. A logística global associada a esta primeira intervenção (como aconteceria com todas as intervenções futuras) teve o apoio da Associação Cultural, Desportiva e Recreativa (ACDR) de Freixo de Numão, dirigida por António Sá Coixão.

## **2. O CICLO DE 1989 A 1994 E A PRIMEIRA INTERPRETAÇÃO (1993)**

Há trinta anos, nesse mês de Setembro de 1989, o morro de Castelo Velho ainda não tinha sido alvo da plantação de eucaliptos. Em Janeiro de 1990, no âmbito dum protocolo entre o IPPC e as empresas de celulose, uma equipa de arqueólogos do Estado (José Morais Arnaud, João Muralha Cardoso e Alexandra Estorninho) deslocou-se à região de Vila Nova de Foz Côa e negociou com a empresa CELBI a preservação do topo do morro de Castelo Velho. Assim, a área do cimo do monte (admitindo-se uma margem de 50 metros em torno da estação) foi salva de ser destruída, embora as vertentes médias – que supostamente já ficariam fora do sítio arqueológico – tenham começado a ser revolvidas em 1990 para a plantação de eucaliptos. Durante muitos anos o topo da estação ficou cercado por uma mata de eucaliptos, sinalizando a sobrevivência dum lugar pré-histórico no interior dum processo de transformação descontrolada da paisagem.

A partir de 1990, as intervenções em Castelo Velho passaram a estar inseridas num projecto de investigação de minha autoria.

Durante os primeiros cinco anos de estudo do sítio, li os muretes concêntricos, em torno do afloramento do topo, como “muralhas”, no quadro duma interpretação clássica que atribuía ao lugar a função de “fortificação” calcolítica e da Idade do Bronze (JORGE, 1993). Tal interpretação baseava-se na analogia com arquitecturas de altura globalmente similares, de cronologia calcolítica, existentes na Estremadura e Alentejo e, duma maneira geral, no sul da Península Ibérica. O deslumbre por ter identificado um “povoado fortificado” numa área tão setentrional é visível no texto de 1993. Contudo, nesta primeira publicação, a par da adopção dum olhar clássico, não me eximo de salientar a provável função também simbólica do lugar, deixando em aberto a confluência de outras funções sociais que importava explorar.

## **3. A INTERPRETAÇÃO DE 1994**

No final do ano de 1994 começava a descoberta/identificação pública das gravuras rupestres do Côa, a par dum processo social e político turbulento, que conduziria, em 1995, ao início do seu salvamento e preservação.

No começo desse ano de 1994, apresentara-me, na FLUP, a provas públicas de agregação. No âmbito da “lição” das referidas provas, havia escolhido partilhar Castelo Velho no contexto de sítios similares da Península Ibérica. Para além de historiar as diversas correntes teóricas que tinham classificado estes lugares como “fortificações”, propus-me inventariar os então 69 sítios publicados na Península Ibérica. De início, esta investigação não almejava desagregar as interpretações tradicionais. Tratava-se apenas de cartografar os “povoados fortificados” peninsulares, por forma a criar uma coreografia envolvente que desse sentido ao lugar particular que escavava desde 1989. Contudo, tal análise rapidamente demonstrou contradições insanáveis quanto à coerência do universo das ditas “fortificações” calcolíticas peninsulares. Este suposto universo analítico coerente desmembrava-se face à diversidade regional dos sítios no que respeitava a localizações e relações com a paisagem, cronologias de construção e tempos de uso, tipologias arquitectónicas e, eventualmente, funcionalidade de alguns contextos conhecidos. O conceito “fortificação”, erguido com base em comparações arquitectónicas sumárias, necessitava de ser reequacionado. Por outro lado, a esmagadora maioria destes sítios não tinha sido escavada em área, pelo que se desconhecia a natureza de grande parte de contextos/actividades/cenários que os lugares haviam albergado ao longo do tempo. Face à descoberta de que o campo operativo “fortificação” necessitava dum alargamento das variáveis em comparação, suspendi temporariamente a análise interna de Castelo Velho, e embrenhei-me em leituras que visavam a interpretação de recintos europeus desta fase

(BURGESS *et alii*, 1988; D'ANNA, GUTHERZ, 1989; BRADLEY, 1991,1993; BARRET, 1994). Por outro lado, é desta época o início do meu interesse por reflexões sobre antropologia do espaço, por forma a equacionar a correlação de arquitecturas, actividades e cenários (BOURDIEU, 1989, 1991; RAPORT, 1990, 1994; KENT, 1990a, 1990b).

Voltando ao sítio de Castelo Velho, e esforçando-me por ultrapassar o meu próprio preconceito, ao identificar muretes enquanto vestígios de muralhas (sem que, de facto, se tivesse encontrado em campo qualquer derrube pétreo que o justificasse), avancei em 1994 para uma interpretação de ampla escala: o recinto de Castelo Velho teria sido um “lugar monumentalizado”, funcionando como espaço polarizador de coesão social das comunidades locais (JORGE, 1994). Quando em plenas provas de agregação, Germán Delibes de Castro me questionou sobre as razões que me teriam feito mudar tão drasticamente de interpretação funcional do sítio, no espaço de poucos meses (entre 1993 e início de 1994), eu desenvolvi a argumentação que referi anteriormente. Mas sabia que só a descoberta de contextos específicos no interior do monumento me permitiria construir hipóteses, a uma escala intermédia, sobre a global funcionalidade do lugar.

E, no entanto, ao enunciar uma alternativa ao clássico “povoado fortificado”, rompia com um dos mais poderosos paradigmas interpretativos da Pré-História Recente da Península Ibérica. O silêncio que se seguiu por parte dum sector importante da comunidade arqueológica acusava uma curiosa resistência a qualquer alteração que implicasse debater a validade científica duma interpretação hegemónica para arquitecturas e contextos, identificados sistematicamente, ao longo do século 20, como inequívocos indicadores de aberto conflito social.

Em breve, a descoberta de contextos particulares em Castelo Velho, iria permitir não apenas aceder à singularidade do sítio, como reflectir sobre o papel dos recintos murados na construção do laço social das comunidades pré-históricas do 3.º milénio AC. Saliente-se, no entanto, que a posterior identificação desses contextos implicou uma deslocação do olhar. Como é óbvio, só se encontra o que se quer encontrar. Sem esse desejo trabalhado, passa-se por cima do relevante tomando-o como acessório ou mesmo inexistente.

“(…) as grandes mutações científicas podem ser lidas, por vezes, como consequências de uma descoberta, mas podem também ser lidas como o aparecimento de novas formas na vontade de verdade.” (Foucault, 1997 [1971]: 14).

#### **4. CASTELO VELHO E O CÔA**

A descoberta das gravuras rupestres do Côa em finais de 1994, e o processo de salvamento que se seguiu, obrigou-me a envolver activamente na luta nacional e internacional pela sua preservação.

No Verão de 1995, no Congresso Mundial de Arte Rupestre, em Turim, apresentei o recinto de Castelo Velho, no contexto de debate sobre a cronologia das gravuras. Nessa época havia que reverter a ideia, criada por especialistas de datações directas, de que as gravuras não possuíam uma real antiguidade paleolítica. Tal ideia, independentemente de não ser sustentável face às próprias gravuras, ignorava ostensivamente todo o conhecimento acumulado na região sobre a sua Pré-História Recente. Tendo como centro da comunicação o sítio de Castelo Velho, pretendeu-se demonstrar que há cinco mil anos viviam na região de Vila Nova de Foz Côa comunidades agro-pastoris, cujo comportamento social não se revia na iconografia predominante da arte do Côa. Castelo Velho surgia paradoxalmente como prova indirecta do que o Côa não podia ser um santuário de arte holocénica.

Hoje, à distância, parece inverosímil que a cronologia da arte paleolítica do Côa tenha sido sequer posta em causa.

Envolvida no processo de salvamento do Côa, e ainda em acções integradas na Campanha da Idade do Bronze do Conselho da Europa, suspendi, durante os anos de 1995 e 1996, as campanhas de escavação em Castelo Velho de Freixo de Numão.

Foram dois anos repletos de acontecimentos e de encontros com arqueólogos estrangeiros, nos mais diferentes cenários, que só aparentemente me afastaram de Castelo Velho. De facto, ao longo desse tempo, fui consolidando uma nova representação do sítio, antevendo a necessidade de voltar a ele munida de um novo olhar. Sabia ser inevitável redesenhar a estratégia de intervenção de campo, o que pressupunha também redefinir a dimensão e natureza do projecto de investigação de Castelo Velho.

## **5. DE 1997 A 2007: O QUE MUDOU**

### **5.1. Maior dimensão na intervenção de campo | Musealização de Castelo Velho**

Em primeiro lugar, mudou a qualidade e quantidade dos meios em campo. De 1997 a 1999, mercê de subsídios e apoios mais avultados, a equipa aumentou, integrando desenhadores, topógrafo, restauradores e ainda, em 97, uma antropóloga física. A área de escavação também cresceu consideravelmente nos últimos três anos do século 20.

De 2001 a 2007, o IPPAR (na sequência do sítio passar para a tutela do Estado e dada a localização contígua com o Parque Arqueológico do Côa), através do empenho do seu Presidente, Luís Calado, convidou-me para coordenar a execução dum projecto de estudo, valorização e divulgação do sítio, financiado pelo Estado. Nesse âmbito, realizaram-se, entre 2001 e 2003, amplas escavações no monumento (incluindo nas vertentes sul e oeste do morro), com equipas extensas (c. de 80 elementos em campo), inserindo topógrafo, desenhadores, restauradores e arqueólogos profissionais, para além de estudantes universitários nacionais e provenientes de múltiplos países de vários continentes. Este incremento na escala de escavação foi fundamental para a delimitação do monumento e a identificação de contextos que ajudaram a consubstanciar a interpretação sobre a natureza do lugar.

Durante os anos de 2001 a 2003, a convite do IPPAR, foi realizado um filme da autoria de Catarina Alves Costa, documentando os trabalhos de escavação em Castelo Velho.

Entre 2004 e 2006 o sítio foi restaurado e preparado para fruição pública. Numa área contígua foi ainda construído um Centro Interpretativo, projecto arquitectónico da autoria de Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandes (FAUP).

Em 2007, o lugar musealizado foi aberto formalmente ao público, destacando-se, nesse evento, a presença de todos os que estiveram directamente ligados ao processo de estudo e valorização do lugar, a de António Sá Coixão (ACDR), a do então Presidente da Câmara de Vila Nova de Foz Côa, Emílio Mesquita, e a do Secretário de Estado da Cultura daquela época, Mário Vieira de Carvalho.

Tinham passado dezoito anos desde a primeira sondagem de emergência em 1989, a pedido dos Serviços Regionais de Arqueologia da Zona Centro do então IPPC.

Dezoito anos em que as múltiplas mudanças operadas na percepção do lugar, tinham sido acompanhadas por descobertas arqueológicas extraordinárias no rio Côa, e por apreciáveis transformações nas estruturas do Estado relacionadas com a protecção do património arqueológico.

## 5.2. Deposições em Castelo Velho

Em 1997 foi escavada uma estrutura pétrica, de conteúdo preservado, localizada, a oeste, na plataforma intermédia. O minucioso registo de campo permitiu confirmar, em gabinete, o que se suspeitara em escavação: estávamos perante uma deposição intencional, constituída por cinco níveis, contendo abundantes fragmentos cerâmicos, um pequeno vaso inteiro, pesos de tear (inteiros e fragmentados), um fragmento de moinho manual, uma conta de colar, lajes de xisto e ainda a deposição de ossos humanos desconectados e outros em conexão anatómica, para além de restos de fauna (JORGE 1998; JORGE, *et alii*, 1998-1999). Em gabinete descobria-se também que a esmagadora maioria dos fragmentos cerâmicos não colava entre si. Tinham ali sido depositados enquanto fragmentos seleccionados, como os restantes elementos da deposição. O estudo antropológico (ANTUNES, CUNHA, 1998), correlacionado com a análise arqueológica, permitia-nos falar numa deposição intencional de ossos humanos de 8 a 10 indivíduos de ambos os sexos (uma criança, vários adolescentes e jovens adultos). Se, por um lado, ocorriam ossos intencionalmente misturados, por outro, sobressaíam ossos em conexão anatómica, podendo, neste caso, detectar-se a correlação de partes do esqueleto axial e apendicular de um indivíduo do sexo feminino, entre 18 e 20 anos. Ou seja, estávamos perante uma deposição complexa que revelava a manipulação do esqueleto e do corpo humanos, a par da selecção de outras materialidades também intencionalmente fragmentadas. A referida deposição, através da alternância entre o que se mostrava e o que se ocultava, jogava intencionalmente com fragmentos de “coisas”: fragmentos de vasos cerâmicos, pesos de tear, fragmentos de ossos humanos e de animais, e ainda partes do tronco dum corpo humano. Excepção a este padrão de fragmentação, a ocorrência dum pequeno vasinho inteiro, liso, ao lado de ossos humanos em conexão anatómica.

Era a primeira vez, tanto em Castelo Velho, como em outros sítios conhecidos da Pré-história Recente peninsular, que se identificava uma deposição intencional não conectada com contextos sepulcrais clássicos ou depósitos metálicos. Por outro lado, esta deposição lidava com algo inteiramente novo na bibliografia da Pré-história Recente peninsular: a fragmentação intencional e escolhida de materialidades. Estas haviam sido fragmentadas algures antes da entrada na estrutura pétrica, e, uma vez nela, tinham-se desvinculado das totalidades a que haviam pertencido, surgindo necessariamente reconfiguradas.

Desde o início, interpretei este contexto invulgar como “ritual”, ainda que ao longo do tempo tenha reflectido sobre a operacionalidade deste conceito, quando aplicado ao passado do 3.º milénio AC.

Até ao momento da escavação da estrutura ritual com ossos humanos em Castelo Velho, o único contexto escavado, que se aproximava vagamente da dita deposição, era uma concentração *in situ* de 27 pesos de tear, encontrada no interior do recinto, no seu lado oeste. Mas este conjunto não se encontrava delimitado por qualquer estrutura pétrica. Mais tarde, tal concentração seria estudada, no quadro da problematização das “deposições” do monumento, enfatizando-se o papel dos pesos de tear como mediadores de sentido: depositados no interior de muretes e de estruturas, ou associados à fundação ou condenação de contextos de tipologia variada (GOMES, 2003).

Entre 1998 e 2003, período em que se escavou em área todo o monumento, encontraram-se várias deposições intencionais, de tipologias formais muito variadas.

Uma dessas deposições ocupava uma estrutura pétrica sub-rectangular, localizada no interior do recinto, encostada ao murete delimitador e confinando com uma das principais passagens a oeste. A estrutura integrava um conteúdo preservado e encontrava-se selada, tal como a estrutura com ossos humanos. Tratava-se numa deposição, em seis momentos sucessivos, associando, alterna-

damente, ou simultaneamente, fragmentos de grandes vasos cerâmicos, que maioritariamente não colavam entre si, e ainda sementes carbonizadas de cereal. As sementes, agrupadas em pequenos nichos pétreos, ou situadas sobre fragmentos cerâmicos, ou ainda isoladas, tinham sido queimadas no exterior da estrutura. Tratava-se dum conjunto constituído por muitos milhares de sementes de trigo, estando ainda presente cevada e papoila de ópio (JORGE, 2002; BAPTISTA, 2003; FIGUEIRAL, JORGE, 2008; FIGUEIRAL, 2019). Os fragmentos cerâmicos (ao contrário do que acontecia na estrutura de ossos humanos), eram de grandes dimensões, e originalmente teriam feito parte de vasos ovóides de grande porte.

No interior do recinto foram ainda identificadas outras deposições intencionais, com características formais variadas: – num nicho pétreo, localizado numa das passagens virada a norte, foi identificado um vaso ali intencionalmente depositado incompleto e coberto com pedras (JORGE, 2002; BAPTISTA, 2003); – numa pequena estrutura pétreo fechada (inserida numa outra mais ampla associada a materiais metálicos) descobriu-se um machado de cobre inteiro coberto com pedras (JORGE, 2002; BOTTAINI *et alii*, 2019); – sob uma das estruturas pétreas junto à plataforma pétreo central (ou base de “torre”), e no interior duma fossa, que lhe era subjacente, descobriram-se fragmentos de moinhos manuais e rebolos em granito; – numa das passagens do recinto virada a nordeste, o seu fechamento foi realizado através da deposição intencional de grandes fragmentos de moinhos manuais de granito; – numa outra passagem, virada a noroeste, o seu fechamento ou condenação implicou, num dado momento, a construção duma lareira, rodeada por fragmentos cerâmicos ali intencionalmente depositados, que foram colmatados com lajes de xisto, antes desta passagem ser completamente dissimulada (OLIVEIRA, 2003; MCFAYDEN, 2016).

Fora do recinto também se encontraram deposições intencionais: quer através da inserção de vasilhinhos inteiros em pequenas fossas escavadas no bed-rock, quer através da integração de fragmentos cerâmicos escolhidos e depositados em pequenas fossas ou depressões abertas na rocha de base (MCFAYDEN, 2016).

Em todas estas situações sobressaía que as deposições intencionais não apresentavam deliberadamente qualquer visibilidade ou ostentação no quadro do monumento. Na verdade, não fora, sobretudo a partir de 1997, a expectativa de se vir a encontrar contextos deposicionais, e muitos deles não teriam sido detectados facilmente em campo.

Acrescente-se ainda que a esmagadora maioria das deposições intencionais foi realizada em Castelo Velho durante o 3.º milénio AC. Excepção para a colocação, no interior do recinto, dum vaso carenado sob um amontoado estruturado de pedras, associação datada do 2.º milénio AC.

As deposições do 3.º milénio AC em Castelo Velho escolheram maioritariamente estruturas pétreas ou fossas como “contentores” para os elementos que as constituíam. Excepção a este padrão, as condenações de duas passagens do recinto (quer com fragmentos de moinhos manuais em granito, quer com fragmentos cerâmicos), ou ainda a concentração de 27 pesos de tear, que, graças à integridade da sua preservação, também classificámos como “deposições”.

Por outro lado, o que foi escolhido depositar intencionalmente (partido, inteiro ou fragmentado) recaiu sobre vasos cerâmicos, pesos de tear, ossos humanos, sementes de cereal, moinhos manuais, um machado de cobre e lajes seleccionadas de xisto azul.

As deposições que integravam ossos humanos e sementes de cereal destacavam-se por estarem conectadas com a fragmentação intencional de “coisas”, segundo organizações espaciais diversas. Serão estas deposições que irão conduzir à reflexão sobre o sistema social e o território simbólico que terão enquadrado as actividades cerimoniais no monumento de Castelo Velho, sobretudo durante a 2.ª metade do 3.º milénio AC.

No entanto, o que então se destacava em Castelo Velho, e apesar do monumento ter uma área relativamente restrita, era a variabilidade formal das referidas deposições. Tal variabilidade formal fazia supor diferentes coreografias cerimoniais, com distintas temporalidades, sentidos simbólicos e efeitos sociais eventualmente díspares.

A variabilidade das deposições em Castelo Velho remetia-nos e continua a remeter-nos para questões estruturais: como identificar uma deposição? qual a função singular duma deposição, no âmbito dum sistema social que a gera, e que se reproduz graças aos efeitos da sua acção? Esta questão dirigia-se a Castelo Velho e ao território social e simbólico em que o monumento era um dispositivo social activo. Mas, como é óbvio, dirige-se também a todos contextos onde foram ou vierem a ser reconhecidas deposições pré-históricas que tenham manipulado o esqueleto e o corpo humanos, entre muitas outras materialidades.

A primeira condição para se identificar uma deposição intencional é, ainda hoje, estar-se ciente de que as deposições de “coisas” (partidas, fragmentadas, inteiras, ou tudo junto) fizeram parte de acções codificadas, deliberadas e recorrentes, no interior da vida social das comunidades agro-pastoris da Pré-História Recente. Tal afirmação pode parecer uma evidência redundante, mas, face à raridade de “deposições” publicadas na Pré-História Recente da Península Ibérica, torna-se importante alertar a comunidade científica para a existência e importância desta dimensão da vida social do passado, e reconhecer-lhe o estatuto de temática merecedora de aprofundado debate (VALERA, 2019).

A segunda condição (óbvia) para identificar uma deposição, tem a ver com a integridade do contexto. Pois só essa integridade permite aceder à confirmação da intencionalidade da mesma. Assim, do meu ponto de vista, tal identificação deve ser extremamente restrita e exigente: a deposição deve ocorrer em contexto selado, ou, então, o seu conteúdo, deve emergir suficientemente preservado, por forma a poder-se reconstituir a dinâmica interna dos elementos que a constituem.

As deposições de materialidades intencionalmente fragmentadas sempre levantaram uma vasta lista de questões interpretativas. No que a Castelo Velho diz respeito, a reflexão sobre a natureza e a função social da fragmentação em deposições intencionais, a par das características de outras deposições e contextos e das especificidades arquitectónicas do sítio, conduziram, no período de 1997 a 2007, à construção duma interpretação global sobre a funcionalidade do lugar, sobretudo durante o 3.º milénio AC.

### **5.3 A singularidade funcional de Castelo Velho**

Face à descoberta, em 1997, duma estrutura ritual com ossos humanos, no ano seguinte publicou-se um texto, em que Castelo Velho surgia integrado num universo de “recintos com espaços autónomos onde se operaram “actividades transformadoras” de natureza marcadamente social” (JORGE, 1998). Já nesse texto se colocava uma questão que permanece actual: como identificar a função ritual numa deposição?

Entre 2002 e 2003, tendo em conta a análise de contextos, de particularidades arquitectónicas (por ex., a dinâmica de abertura e ocultação de passagens no recinto superior e no murete leste) e de deposições de vários tipos, foram publicados textos que apontavam para a funcionalidade do lugar, sobretudo durante o 3.º milénio AC.

Castelo Velho teria sido um “lugar especial”, congregador e propiciador de negociações comunitárias, negando-se, contudo, a hipótese de se dever catalogar como “centro cerimonial”, cuja especialização não se adequava a comunidades pré-estatais (JORGE, 2002).



Castelo Velho seria um dispositivo social de formalização e de controlo de movimentação de pessoas e coisas em torno duma arena cenográfica. Este recinto, interligado com outros lugares, teria sido um receptáculo transitório de artefactos e pessoas, que circulariam num território social preciso. Só se poderia entender a singularidade de Castelo Velho se fosse explorada a rede de lugares simbolicamente correlacionados, de que este recinto faria parte (JORGE, 2003a). As deposições intencionais, por outro lado, revelavam procedimentos codificados, enquadrados cerimonialmente, apontando para sentidos contextuais muito diversos. As acções envolvidas nas deposições implicariam que as materialidades que as constituíam fossem alvo de permanentes actualizações/reconfigurações de sentido (JORGE, 2003b).

Recintos, como Castelo Velho, seriam pólos de poder inseridos em redes cenográficas, que geravam, por sua vez, novos cenários e reproduziam sistemas de cenários, capturando, do ponto de vista identitário, toda a paisagem envolvente. O recinto “viveria da urdidura duma teia de lugares ligados em rede”. A noção de “rede” substituíra a noção de “centro” (JORGE, 2003c).

Castelo Velho teria sido um “lugar especial”, no interior do qual certas deposições configuravam o fim dum processo de manipulação de materialidades, processo que podia ter começado em outro lugar/tempo do território social em que o recinto se integrava (JORGE, 2005).

A estabilidade identitária das comunidades do 3.º milénio AC teria recorrido a lugares como Castelo Velho, para, no seu interior, através de práticas cerimoniais, operar o complexo processo de integração social. Dada a variedade formal de deposições identificadas só neste recinto, considerava-se o termo “deposição” excessivamente amplo, não dando o mesmo conta da heterogeneidade de sentidos que as mesmas teriam comportado (JORGE, 2007).

Durante o 2.º milénio AC o recinto e o murete leste foram reutilizados. Contudo, as deposições anteriormente referidas desapareceram. Outras actividades teriam sido activadas no monumento de Castelo Velho antes do seu fechamento no 3.º quartel do 2.º milénio AC (JORGE, 2002, 2003a).

Em 2003 realizou-se na FLUP um encontro internacional para debater as funcionalidades dos recintos murados da Pré-História Recente. Contou com a presença de ilustres arqueólogos europeus, entre os quais destaco Hermanfrid Schubart, um dos escavadores do sítio do Zambujal, a quem Portugal tanto deve pela sua esclarecida e intensa actividade arqueológica ao longo da segunda metade do século 20 (JORGE, 2003d).

## **6. OS ÚLTIMOS DOZE ANOS: DIVERSOS OLHARES SOBRE CASTELO VELHO**

### **6.1. A questão do “ritual”**

Em 2014 publiquei um texto em que, inspirando-me nas argumentações de diversos autores (BRÜCK, 1999, 2006; THOMAS, 2004; INSOLL, 2004), reflectia sobre a possibilidade/dificuldade de se usar o conceito de “ritual” na abordagem do passado pré-histórico e, em particular, do recinto de Castelo Velho (JORGE, 2014). Não era, no entanto, a primeira vez que a “arqueologia do ritual” me suscitava considerações sobre a forma como os arqueólogos da Pré-História manipulavam, de forma anacrónica, certos conceitos, cuja latitude, do meu ponto de vista, não deveria ultrapassar a mundividência histórica (JORGE, 2012).

No texto de 2014, recordava-se como Castelo Velho havia sido interpretado, entre 1994 e 2007: teria sido um lugar no qual tinham ocorrido práticas rituais correlacionadas com o reforço da identidade comunitária. Tendo em conta que as deposições de “coisas” pressupunham a manipulação das mesmas antes de serem introduzidas em estruturas de Castelo Velho, colocara-se a

hipótese deste lugar ter feito parte duma complexa teia ritual. Teia ritual que teria usado diversos “contextos em falta”, disseminados pelo território envolvente, antes e depois da mesma teia ter capturado o monumento de Castelo Velho:

“(…) certain things were circulating in the territory, assuming the existence of missing contexts, before their arrival at Castelo Velho; the manipulation of fragments of things in the different contexts, and in the final deposits of Castelo Velho, would act as “socially binding elements” of the groups dispersed throughout the territory; thus fragmentation/ deposition of things in ritual contexts throughout the territory would support an increase in the spacial bonds of the groups” (JORGE, 2014: 73).

Assim, o “ritual” teria funcionado como um mediador de sentido, relativamente à construção da identidade comunitária. Lugares como Castelo Velho eram vistos como dispositivos espacio-temporais que teriam polarizado e reforçado o laço social, através das referidas práticas rituais.

Contudo, como é sugerido no texto de 2014, esta narrativa elaborada anteriormente, usava o conceito de “ritual” e, duma forma geral, abordava o Passado, de forma contínua e intuitiva. Como se o mesmo Passado fosse uma simples variação do Presente. Só assim se conseguia extrapolar linearmente de “práticas rituais” para “contextos em falta” e correlacionar a referida “teia ritual” com o mecanismo social de construção/reforço da identidade.

Já em 2012, eu questionara a forma de se nomear “contextos rituais” sem se salvaguardar a distância que nos separa do passado pré-histórico (JORGE, 2012). Tendo sido o conceito de “ritual” importado da antropologia, a arqueologia, contudo, sempre reconhecera dificuldade em identificar tal prática no chamado “registo arqueológico”. Por um lado, nem sempre ocorriam materialidades específicas que nos conduzissem, de forma inequívoca, a identificar um qualquer contexto ritual. Por outro lado, nem sempre acções formalizadas, repetitivas e descontínuas (relativamente à “vida corrente”) se podiam incluir num paradigma de racionalidade/subjectivação que assumisse a dicotomia ritual/secular. Dicotomia fundamental para se aceitar os termos deste binómio.

Desta forma, tornava-se necessário visualizar o Passado de forma alternativa: nem como uma simples variação do Presente, nem como um território-outro, completamente inacessível; mas como um passado análogo, um passado estranho, não familiar, descontínuo relativamente ao Presente, mas aberto ao exercício de outras representações.

No texto de 2014, alertava para a possibilidade da arqueologia ter como objectivo, não a busca de sentidos últimos, mas a identificação de sistemas de signos.

“Archaeology does not deal with the meanings of the past. It deals (...) with the identification of signs-systems, which point to the existence, in the past, of codes, which however are sealed to us because we have no key to open them. Archaeology is therefore not a matter of meaning but a matter of identification of codes.” (JORGE, 2014: 74).

O chamado pós-estruturalismo (e.g. PREUCCEL, 2006) poderia, eventualmente, ser chamado a ajudar a arqueologia nessa tarefa de re-abordagem do passado pré-histórico.

A viragem conceptual, proposta no texto de 2014, induzia ao desenvolvimento duma “tipologia de deposições”, por forma a reconhecer toda a gama de possibilidades relacionais deste universo analítico.

A construção duma “tipologia de deposições” requeria /requer, como é óbvio, a identificação das mesmas no quadro dum amplo programa de escavações, que desse/dê conta da sua natureza,

temporalidade e variabilidade contextual. Tarefa árdua a ser realizada por gerações futuras, mas inescapável.

Numa síntese sobre o Norte de Portugal, entre finais do 4.<sup>o</sup> e finais do 3.<sup>o</sup> milénio AC (LOPES, BETTENCOURT, 2017), Castelo Velho surgiu como um dos lugares com funções cerimoniais, existente neste território e neste período, que usaram deposições intencionais de “coisas”, visando o reforço da coesão identitária.

Finalmente, revisitando recentemente Castelo Velho (LOPES, 2019), e enfatizando o papel cerimonial do monumento no 3.<sup>o</sup> milénio AC, apelei mais uma vez ao debate sobre o processo social que teria originado e mantido o monumento enquanto dispositivo identitário.

Mas, qualquer debate pressupõe ter algo para debater. É necessário escavar, identificar contextos deposicionais (em diálogo com outros contextos contemporâneos), realizar um arquivo de deposições, comparar deposições e chegar a uma “tipologia” ou “antologia de deposições” (GOMES, 2019), para, através dessa analogia, visualizar novas representações de sentido:

“The past is an encrypted territory, and our mission is to detected the coded structure of it, the meaning of which, obviously, does not fail to keep itself hidden.” (JORGE, 2014: 74).

## **6.2. Publicação dum volume colectivo sobre Castelo Velho**

Em 2019 retomou-se a ideia de se publicar reflexões de diversos autores sobre Castelo Velho. Com este volume iniciou-se uma série monográfica da revista *DigitAR* do CEAACP, da Faculdade de Letras de Coimbra (LOPES, 2019a).

Dezanove autores estiveram envolvidos na referida publicação. Partindo duma escala ampla para a escala singular do sítio, foram publicados doze textos.

Vale retomou a abordagem dos recintos murados da Pré-História Recente em território português, enfatizando a problemática da arquitectura (VALE, 2019).

Geógrafos da FLUP enquadraram do ponto de vista geomorfológico o sítio de Castelo Velho (ARAÚJO, *et alii*, 2019). Foi reconstituída a flora pré-histórica envolvente (FIGUEIRAL, 2019) e actualizada a carta arqueológica da região no 3.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> milénio AC (CARDOSO, 2019).

Duas autoras, em textos separados, abordaram todas as narrativas produzidas sobre Castelo Velho, entre 1993 e 2009: quer as minhas interpretações, quer as de alunos da FLUP, que produziram trabalhos académicos, seminários, teses de mestrado e uma tese de doutoramento, por exemplo (PEREIRA, 2019; ALVES-FERREIRA, 2019).

Castelo Velho foi também alvo de análises particulares. Vieira abordou a longa diacronia do sítio desde a Pré-História Recente (3.<sup>o</sup>/2.<sup>o</sup> milénio AC) até épocas históricas, como breves reutilizações atribuídas às épocas romana, tardo-romana/alto-medieval e, eventualmente, medieval (VIEIRA, 2019). Silva analisou os materiais históricos, propondo a hipótese de, nos primeiros séculos da nossa era, Castelo Velho ter albergado um eventual acampamento militar (SILVA, 2019). Costa (2019) dissertou sobre as várias hipóteses de sistemas construtivos em vigor em Castelo Velho ao longo do 3.<sup>o</sup> milénio AC e Figueiral (2019) interpretou a estrutura das sementes, tendo em conta os restos vegetais carbonizados e o seu contexto arqueológico, como uma possível de posição simbólica. Um texto colectivo analisou os metais de Castelo Velho, enquadrando-os na primeira metalurgia do NO da Península Ibérica (3.<sup>o</sup> milénio AC) (BOTTAINI, *et alii*, 2019). Gomes revisitou os pesos de tear do sítio pré-histórico, e problematizou as possibilidades interpretativas das deposições em Castelo Velho (GOMES, 2019). Finalmente, com base na reavaliação da documentação disponível, revisei eu própria a periodização/função de Castelo Velho. Para além de afirmar que não existem provas

inequívocas numa ocupação pré-monumental, acentuo que apenas é possível identificar acções com carácter cerimonial no monumento do 3.º milénio AC. O sítio do 2.º milénio AC terá sido outro lugar, expressão de outras funções sociais, cuja singularidade nos escapa (LOPES, 2019b).

A possibilidade de Castelo Velho ter atravessado dois momentos estruturalmente diferentes da Pré-História Recente do território português e da Península Ibérica (o 3.º e o 2.º milénio AC), conduziu a um debate internacional, em 2018, na FLUC, sobre as características sociais destas duas etapas da Pré-História Recente e a natureza/cronologia da viragem entre o fim dum mundo de matriz neolítica e o começo dum outro que se plasmou na chamada Idade do Bronze (LOPES, GOMES, 2018).

## **7. EM DEVIR**

### **7.1 Revalorizar o sítio**

Quando em 2007 o sítio musealizado de Castelo Velho foi aberto ao público, estava programado que o Centro Interpretativo (projecto de Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandes da FAUP) fosse apenas um lugar de informação minimalista. Incorporava no rés-do-chão um painel explicativo e uma maquete do lugar no 3.º milénio AC. Nos andares superiores algumas ilustrações ajudavam a entender a relação do monumento com a paisagem. No topo surgia um leitor de paisagem que tinha por objectivo integrar Castelo Velho num extraordinário cenário visual que emergia a leste, frente ao Côa e à Meseta.

A razão de tal minimalismo tinha a ver com um projecto, então em curso, de criação dum Museu de Pré-História em Freixo de Numão. O Estado havia já comprado um edifício na vila e tinha-o recuperado para esse efeito (trabalhos também conduzidos por Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandes). Tinha sido feito um guião para esse museu, que pressupunha que a maioria dos visitantes passasse por essa infraestrutura antes de se dirigir ao sítio de Castelo Velho. O Centro Interpretativo não teria de ser mais do que um activador de memória e faria parte numa rede informativa que articulava o Museu de Pré-História de Freixo de Numão com Castelo Velho.

Contudo, o Museu nunca foi criado, por razões oficialmente desconhecidas. Por outro lado, o Centro Interpretativo foi-se degradando com o tempo, acabando mesmo por ser fechado. Ao lado do sítio passou a não haver qualquer informação sobre o mesmo. É certo que foi aberta, entretanto, uma exposição sucinta sobre Castelo Velho no Museu da Casa Grande de Freixo de Numão. Mas tal exposição não foi coordenada por nenhum dos arqueólogos que haviam escavado/interpretado o sítio.

Assim, este sítio, classificado em 2010, como monumento de interesse público, e sobre o qual já tanto se investigou e publicou, encontra-se actualmente desprovido, in situ, de qualquer dispositivo informativo. E o seu Centro Interpretativo encontra-se encerrado.

Até hoje pertenceu ao Estado a função de gestão patrimonial do lugar. Só posso desejar que o mesmo, a quem compete a preservação deste monumento de interesse público e do seu Centro Interpretativo, tenha vontade e capacidade para restituir a esta estação arqueológica a dignidade que a sua importância científica e patrimonial exigem. Por outro lado, Castelo Velho confina/encontra-se debruçado sobre o Parque Arqueológico do Vale do Côa. Sendo desejável que se incremente a visita a Castelo Velho, no quadro de circuitos turísticos ao Parque e a lugares arqueológicos que o circundam, tal projecto só poderá concretizar-se se o sítio e respectivo Centro Interpretativo forem reactivados.

Pessoalmente sempre me demonstrei disponível para contribuir para a reactivação deste sítio musealizado, cuja maior valência se encontra nos inúmeros estudos que sobre ele, e a pretexto dele, foram realizados nos últimos trinta anos.

## **7.2 Detectar, escavar e interpretar sítios contemporâneos de Castelo Velho**

Como recentemente foi publicado (CARDOSO, 2019), existem na região múltiplos sítios do 3.º/2.º milénio AC, desde prováveis recintos, povoados, sepulcros, contextos de estelas/estátuas-menires e de arte rupestre (COIXÃO, 1999; CARDOSO, 2007). Mas são raros os sítios intensamente escavados, destacando-se, na região, para além de Castelo Velho, o sítio de Castanheiro do Vento (CARDOSO, 2007; VALE, 2011), cuja análise em área decorre há vinte e um anos.

Castelo Velho encontra-se perto de fronteiras físicas e políticas particulares. A elaboração de projectos virados para a investigação da Pré-História Recente do Alto Douro português não poderá deixar de abranger, por um lado, a área do Parque Arqueológico do Vale do Côa, e, por outro, a área da própria Meseta espanhola que confina com a fronteira política entre os dois Estados.

O PAVC terá certamente interesse em continuar a identificar sítios e contextos desta fase, no seu próprio território, para o que não deverá dispensar o conhecimento acumulado por várias equipas de arqueólogos, a trabalhar, nos últimos trinta anos, em áreas circundantes do Parque.

Mas será também desejável a construção de projectos de investigação trans-fronteiriços, cooperando arqueólogos portugueses e espanhóis empenhados na montagem duma periodização regional da Pré-História Recente, dum lado e de outro da fronteira.

A partilha de informação entre todos os que se interessam pelo estudo e preservação do património arqueológico da Pré-História Recente desta ampla região fronteiriça, torna-se, assim, uma peça vital para superar o risco do acantonamento científico, decorrente de fronteiras recentes, que desconhecem a dinâmica identitária das paisagens pré-históricas.

A interpretação futura dos contextos da Pré-História Recente deve também estar atenta às especificidades de dois mundos: o do 3.º milénio AC, de matriz neolítica, associado a diversas deposições intencionais de materialidades, e conectado com uma imensa heterogeneidade de contextos; o do 2.º milénio AC, associado a uma maior padronização de contextos, mas cuja natureza, nesta região, ainda não se deixou inteiramente caracterizar.

O conhecimento desses dois momentos, a nível regional, que, em outras regiões, configuram uma viragem cultural entre o 3.º e o 2.º milénio AC, será decisivo para se compreender como Castelo Velho foi usado enquanto palco de diversas e contrastantes acções sociais, apesar da reutilização contínua duma mesma estrutura arquitectónica.

## **8. PALAVRAS FINAIS**

A investigação e musealização de Castelo Velho não teria sido possível sem o apoio logístico da ACDR de Freixo de Numão dirigida por António Sá Coixão. Numa região encostada à fronteira, inicialmente ligada ao restante território português por uma precária rede de estradas, foi decisivo o empenho pessoal de António Sá Coixão no acolhimento dado às equipas e a mim própria, ao longo de 18 anos de trabalhos arqueológicos.

Mas Castelo Velho foi construído também graças à acção contínua de centenas de pessoas: estudantes, técnicos, arqueólogos, fotógrafos, e ainda por trabalhadores locais, enquadrados pela ACDR de Freixo de Numão. Com muitas destas pessoas foram sendo estabelecidos laços de confiança e, por vezes, de amizade, que perduraram ao longo dos anos.

A passagem dum topónimo – Castelo Velho – a um nome com significado arqueológico – Castelo Velho de Freixo de Numão – resultou da convergência de vontades, competências, e de alguma louca persistência, por parte de todos os que se envolveram na tecelagem duma renovada experiência sensorial. Como me disse, um dia, um aluno “...existe um antes e um depois de Castelo Velho...”, resumindo, nessa simples frase, algo que, estou certa, foi partilhado por muitos que por ali passaram.

Talvez a coreografia das escavações – experiência – limite em movimento– tenha almejado “tocar”, durante o breve tempo da sua duração, a estranha coreografia imaginada das cerimónias pré-históricas. E, nesse passo, de desejada religação com o passado, tenha acontecido o novo ainda por explicar.

“Há em todas as coisas uma mais-que-coisa  
fitando-nos como se dissesse: “Sou eu”,  
algo que já lá não está ou se perdeu  
antes da coisa, e essa perda é que é a coisa.”

Manuel António Pina, do poema “As coisas”

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES-FERREIRA, Joana (2019), “Vozes de silêncio. O que resta de Castelo Velho? Topografias de poeira intraduzíveis”, in Susana Soares Lopes (coord.), *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: visitar um recinto pré-histórico do Alto Douro Português*, Revista Digital on-line, Série Monografias, 1, pp. 111-148. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/digital/issue/view/371>
- ANTUNES, Miguel Telles; CUNHA, Armando Santinho (1998), “Restos humanos do Calcolítico-Idade do Bronze de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal) – nota preliminar”, *Côavisão*, 0, pp. 35-42
- ARAÚJO, Assunção; SOARES, Laura; GOMES, Alberto (2019), “Castelo Velho de Freixo de Numão: enquadramento geomorfológico”, in Susana Soares Lopes (coord.), *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: visitar um recinto pré-histórico do Alto Douro Português*, Revista Digital on-line, Série Monografias, 1, pp. 17-49. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/digital/issue/view/371>
- BARRETT, John C. (1994), *Fragments from Antiquity. An Archaeology of Social Life in Britain. 2900-1200 BC*, Oxford, Blackwell
- BAPTISTA, Lúcia (2003), *A cerâmica do interior do recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão. Contributos para a interpretação de contextos de uso*. Tese de mestrado policopiada, Porto, FLUP
- BOTTAINI, Carlo; MONTERO-RUIZ, Ignacio; LOPES, Susana Soares; BAPTISTA, Lúcia; GOMES, Sérgio; VALE, Nelson (2019), “Os metais do recinto pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão no quadro da primeira metalurgia do noroeste da Península Ibérica”, in Susana Soares Lopes (coord.), *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: visitar um recinto pré-histórico do Alto Douro português*, Revista Digital on-line, Série Monografias, 1, pp. 305-328. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/digital/issue/view/371>
- BOURDIEU, Pierre (1989), *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel
- BOURDIEU, Pierre (1991), *El Sentido Práctico*, Madrid, Taurus

- BRADLEY, Richard (1991), “Monuments and places”, in P. Garwood, D. Jennings, R. Skeates e J. Toms (eds), *Sacred and Profane*, Oxford, University Committee for Archaeology, pp. 135-140
- BRADLEY, Richard (1993), *Altering the Earth. The Origins of Monuments in Britain and Continental Europe*, Edimburgo, Society of Antiquaries of Scotland
- BURGESS, Colin *et alii* (eds.) (1988), *Enclosures and Defences in the Neolithic of Western Europe*, Oxford, B.A.R. Int. Series, 2 vols.
- BRÜCK, Joanna (1999), “Ritual and Rationality: some problems of interpretation in Europe Archaeology”, London, *European Journal of Archaeology*, 2 (3), pp. 313-344.
- BRÜCK, Joanna (2006), “Death, Exchange and reproduction in the British Bronze Age”, London, *European Journal of Archaeology*, 9, pp. 73-101
- CARDOSO, João Muralha (2007), *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) – um recinto monumental do III.º e II.º milénios AC: problemática do sítio e das suas estruturas à escala regional*. Tese de doutoramento policopiada, Porto, FLUP
- CARDOSO, João Muralha (2019), “Castelo Velho de Freixo de Numão: um sítio, uma paisagem”, in Susana Soares Lopes (coord.), *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: visitar um recinto pré-histórico do Alto Douro português*, Revista Digital on-line, Série Monografias, 1, pp. 51-93. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/digitar/issue/view/371>
- COIXÃO, António Sá (1999), *A Ocupação Humana na Pré-História Recente na Região entre Côa e Távora*. Tese de Mestrado policopiada, Porto, FLUP
- COSTA, Ana Isabel de Oliveira (2019), “Em torno das arquitecturas do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão”, in Susana Soares Lopes (coord.), *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: visitar um recinto pré-histórico do Alto Douro português*, Revista Digital on-line, Série Monografias, 1, pp. 251-280. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/digitar/issue/view/371>
- D’ANNA, André; GUTHERZ, Xavier (dir.) (1989), *Enceintes Habitats Ceinturés Sites Perchés du Néolithique au Bronze Ancien dans le Sud de la France et les Régions Voisines*, Montpellier, Mémoires de la Société Languedocienne de Préhistoire, 2
- FIGUEIRAL, Isabel (2019), “Castelo Velho: um projecto comum de arquitectura e paisagem”, in Susana Soares Lopes (coord.), *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: visitar um recinto pré-histórico do Alto Douro português*, Revista Digital on-line, Série Monografias, 1, pp. 95-110. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/digitar/issue/view/371>
- FIGUEIRAL, Isabel; JORGE, Susana Oliveira (2008), “Man-made landscapes from the third-second millennia BC: the example of Castelo Velho (Freixo de Numão, North-East Portugal)”, *Oxford Journal of Archaeology*, 27 (2), pp. 119-133
- FOUCAULT, Michel (1997) [1971]), *A Ordem do Discurso*, Lisboa, Relógio de Água
- GOMES, Sérgio (2003), *Contributos para o estudo dos “pesos de tear” de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vª Nª de Foz Côa). Exercícios de interpretação do registo arqueológico*. Tese de Mestrado policopiada, Porto, FLUP
- GOMES, Sérgio (2019), “Revisitar o estudo dos pesos de tear de Castelo Velho de Freixo de Numão”, in Susana Soares Lopes (coord.), *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: visitar um recinto pré-histórico do Alto Douro português*, Revista Digital on-line, Série Monografias, 1, pp. 281-303. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/digitar/issue/view/371>
- INSOLL, Timothy (2004), *Archaeology, Ritual, Religion*, London, Routledge

- JORGE, Susana Oliveira (1993), “O povoado de Castelo Velho ( Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-História Recente do Norte de Portugal”, *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*, I, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 33 (1-2), pp. 179-216
- JORGE, Susana Oliveira (1994), “Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular”, Porto, *Revista da Faculdade de Letras*, IIª Série, XI, pp. 447-546
- JORGE, Susana Oliveira (1998), “Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação”, *Revista de Estudos Pré-Históricos*, VI, pp. 279-293
- JORGE, Susana Oliveira (2002), “Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal”, *Revista Património/Estudos*, 3, pp. 145-164
- JORGE, Susana Oliveira (2003a), “Pensar o espaço da Pré-História recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica”, in Susana Oliveira Jorge (coord.), *Recintos Murados da Pré-História Recente*, Porto/Coimbra, DCTP (FLUP)/ CEAUCP (FCT), pp. 13-50
- JORGE, Susana Oliveira (2003b), “Preâmbulo”, in Susana Oliveira Jorge (coord.), *Recintos Murados da Pré-História Recente*, Porto/Coimbra, DCTP (FLUP)/ CEAUCP (FCT), pp. 5-11
- JORGE, Susana Oliveira (2003c), “Cenografias monumentais pré-históricas: tópicos para uma reflexão”, in Vítor Oliveira Jorge (coord.), *Arquitectando espaços: da natureza à metápolis*, Porto/Coimbra, DCTP (FLUP)/CEAUCP (FCT), pp. 63-83
- JORGE, Susana Oliveira (2003d) (coord.), *Recintos Murados da Pré-História Recente*, Porto/Coimbra, DCTP (FLUP)/ CEAUCP (FCT)
- JORGE, Susana Oliveira (2005), “Preâmbulo”, in Susana Oliveira Jorge, *O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*, Porto, Afrontamento, pp. 9-13
- JORGE, Susana Oliveira (2007), “Introdução”, in Susana Oliveira Jorge (coord.) “Formas de organização do espaço e técnicas de construção durante a Pré-História Recente”, in Susana Oliveira Jorge, Ana M.S. Bettencourt, Isabel Figueiral (eds), *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica*, Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Promontoria Monográfica 08, pp. 9-12
- JORGE, Susana Oliveira (2012), “Pensar a arqueologia do ritual: breve apontamento”, in Maria de Jesus Sanches (coord.), *1ª Mesa Redonda Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo*, Trabalhos de Arqueologia, 54, pp. 25-32
- JORGE, Susana Oliveira (2014), “Enclosures and funerary practices: about an archaeology in search for the symbolic dimensions of social relations”, in António Carlos Valera (ed.), *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices in Europe*, B.A.R International Series- 2676, Oxford: Archaeopress, pp. 71-82
- JORGE, Susana Oliveira, *et alii* (1998-1999), “Uma estrutura ritual com ossos humanos no sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa)”, *Portugália*, Nova Série, XIX-XX, pp. 29-70
- JORGE, Susana Oliveira, *et alii* (2007), “A construção de um sítio arqueológico: Castelo Velho de Freixo de Numão”, in Susana Oliveira Jorge (coord.) “Formas de organização do espaço e técnicas de construção durante a Pré-História Recente”, in Susana Oliveira Jorge, Ana M.S. Bettencourt, Isabel Figueiral (eds), *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica*, Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Promontoria Monográfica 08, pp. 77-85



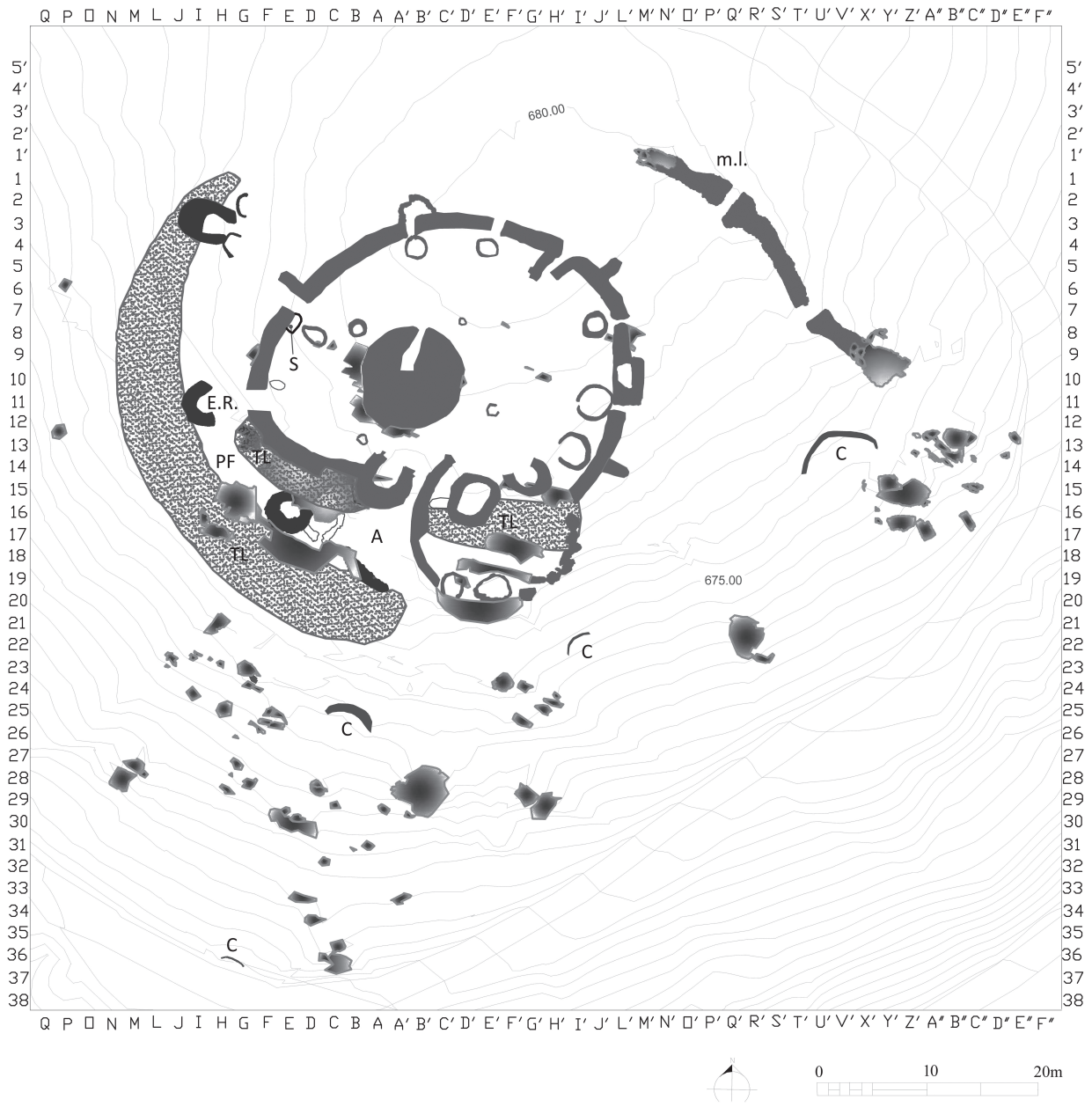
- KENT, Susan (1990a), “Activity Areas and Architecture: an interdisciplinary view of the relationship between use of space and domestic built environments” in Susan Kent (ed.), *Domestic Architecture and the Use of Space*, Cambridge University Press, “New Directions in Archaeology”, pp. 1-8
- KENT, Susan (1990b), “A Cross-cultural Study of Segmentation” in Susan Kent (ed.), *Domestic Architecture and the Use of Space*, Cambridge University Press, “New Directions in Archaeology”, pp. 127-152
- LOPES, Susana Soares (coord.) (2019a) , *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: visitar um recinto pré-histórico do Alto Douro português*, Revista Digital on-line, Série Monografias, 1. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/digitar/issue/view/371>
- LOPES, Susana Soares (2019b), “Voltar a Castelo Velho de Freixo de Numão: pensar a reconfiguração cultural dum recinto pré-histórico do Alto Douro português”, in Susana Soares Lopes (coord.), *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: visitar um recinto pré-histórico do Alto Douro português*, Revista Digital on-line, Série Monografias, 1, pp. 357-389. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/digitar/issue/view/371>
- LOPES, Susana Soares; BETTENCOURT, Ana M.S. (2017), “Para uma periodização da Pré-História Recente do Norte de Portugal: da segunda metade do 4.º milénio aos finais do 3.º milénio AC”, in José Morais Arnaud e Ana Martins (coord./ed.), *Arqueologia em Portugal/2017- Estado da Questão*, Lisboa, AAP, pp. 469-489
- LOPES, Susana Soares; GOMES, Sérgio (coord.) (2018), *Seminário internacional Entre o 3.º e o 2.º milénio AC: que tipo de viragem? (Pré-Atas)*, Coimbra, CEAACP. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/81302>
- MACFAYDEN, Lesley K. (2016), “Actions in time: after the breakage of pottery and before the construction of walls at the site of Castelo Velho de Freixo de Numão”, *Estudos do Quaternário*, 15, pp. 71-90
- OLIVEIRA, Maria de Lurdes Cunha (2003), *Primeiras intervenções arquitectónicas no Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa)*. Tese de Mestrado policopiada, Porto, FLUP
- PEREIRA, Mariana (2019), “A (re)construção do Castelo Velho”, in Susana Soares Lopes (coord.), *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: visitar um recinto pré-histórico do Alto Douro português*, Revista Digital on-line, Série Monografias, 1, pp. 149-176. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/digitar/issue/view/371>
- PREUCCEL, Robert (2006), *Archaeological Semiotics*, Blackwell Publ.
- RAPOPORT, Amos (1990), “Systems of Activities and Systems of Settings”, in Susan Kent (ed.), *Domestic Architecture and the Use of Space*, Cambridge University Press, “New Directions in Archaeology”, pp. 9-20
- RAPOPORT, Amos (1994), “Spatial Organization and the Built Environment”, in Tim Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*, London, Routledge, pp. 460-502
- SILVA, António Manuel (2019), “Materiais romanos de Castelo Velho de Freixo de Numão”, in Susana Soares Lopes (coord.), *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: visitar um recinto pré-histórico do Alto Douro português*, Revista Digital on-line, Série Monografias, 1, pp. 223-249. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/digitar/issue/view/371>
- THOMAS, Julian (2004), “The ritual universe, Scotland in the Ancient Bronze Age”, *The Neolithic and Early Bronze Age At Scotland in their European context*, Edinburgh, Society of Antiquaries of Scotland, pp. 171-178

VALE, Ana M.A. (2011), *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma Colina Monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*. Tese de doutoramento policopiada, Porto, FLUP

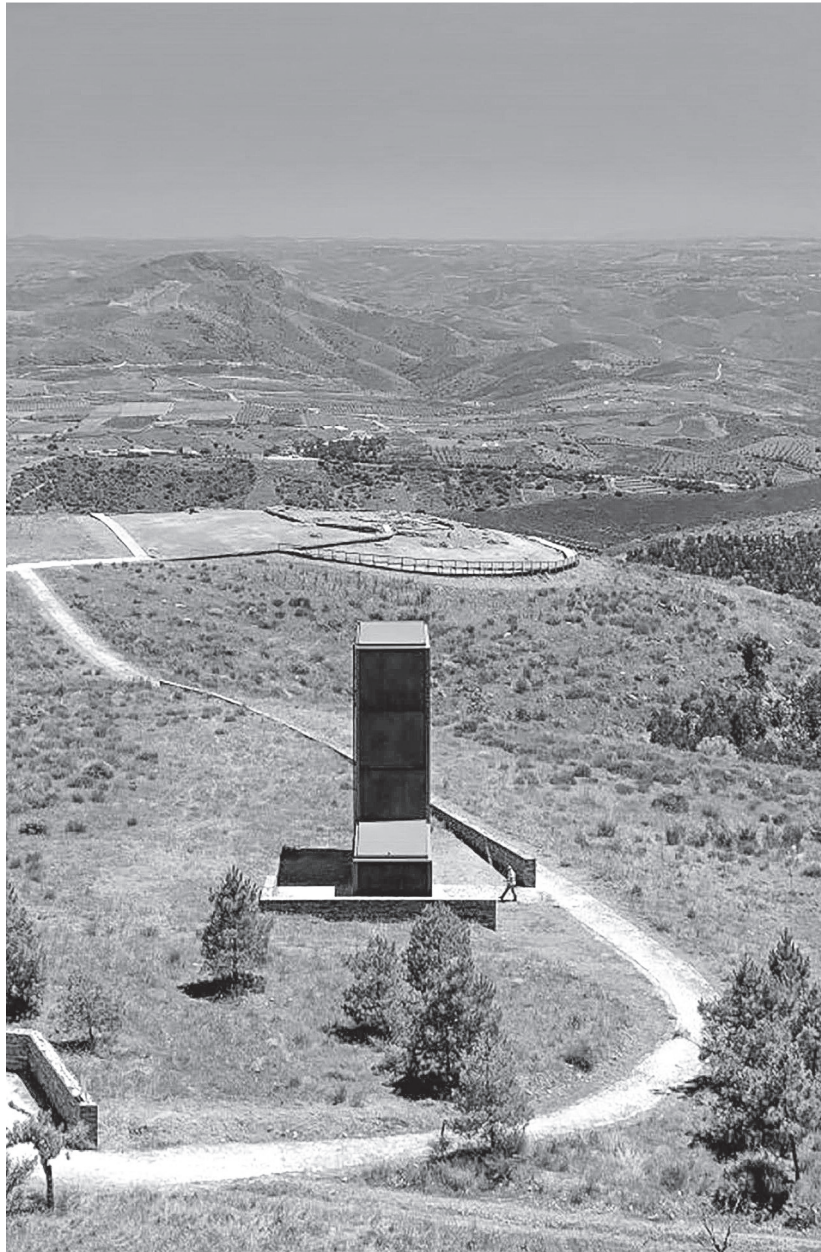
VALE, Ana M.A. (2019), “Possibilidades para pensar a arquitectura dos recintos murados da Pré-História Recente”, in Susana Soares Lopes (coord.), *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: visitar um recinto pré-histórico do Alto Douro português*, Revista Digital on-line, Série Monografias, 1, pp. 329-355. Disponível em : <https://impactum-journals.uc.pt/digitar/issue/view/371>

VALERA, António Carlos (ed.) (2019), *Fragmentation and Depositions in Pré and Proto-historic Portugal*, Lisboa, Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA), Era Arqueologia S.A.

VIEIRA, Alexandra (2019), “Breves apontamentos para uma biografia de Castelo Velho de Freixo de Numão”, in Susana Soares Lopes (coord.), *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: visitar um recinto pré-histórico do Alto Douro português*, Revista Digital on-line, Série Monografias, 1, pp. 177-222. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/digitar/issue/view/371>



**Fig. 1:** Planta do recinto do Castelo Velho durante o 3.º milénio AC.



**Fig. 2:** Ponto de vista sobre a estação de Castelo Velho de Freixo de Numão, apresentando em primeiro plano o Centro Interpretativo (torre), em segundo plano o recinto pré-histórico, em terceiro plano o vale do Côa e o Monte de São Gabriel e em último plano a Meseta (foto de DRCN).